

# LITERATURA SUL-COREANA CONTEMPORÂNEA: UM NOVO PRODUTO FABULATÓRIO E IDENTITÁRIO DA ONDA *HALLYU*

**MARIANA SEMINATI PACHECO\***

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, São Paulo, SP, Brasil.


Recebido em: 10 jan. 2025. Aprovado em: 16 jan. 2025.

Como citar este artigo: PACHECO, M. S. Literatura sul-coreana contemporânea: um novo produto fabulatório e identitário da onda *Hallyu*. *Cadernos de Pós-Graduação em Letras*, v. 25, n. 1, p. 90-107, jan./abr. 2025. DOI: 10.5935/cadernosletras.v25n1p90-107

## Resumo

O presente artigo tem como objetivo abrir reflexões sobre a expansão da literatura sul-coreana contemporânea – também nomeada como K-Lit –, considerando-a como um novo produto do movimento *pop Hallyu*, além de um meio de comunicação que visa transmitir novos significados a respeito da identidade da Coreia do Sul para o Ocidente, por meio de títulos minuciosamente escolhidos para tradução. Por meio da revisão histórica do passado da península coreana e da exposição de conflitos sociais atuais, uma nova fabulação é construída para transmissão internacional, inclusive para o Brasil.

---

\* E-mail: [marianaspacheco.mp@gmail.com](mailto:marianaspacheco.mp@gmail.com)  
 <https://orcid.org/0000-0001-5721-717X>

## Palavras-chave

Coreia do Sul. Literatura contemporânea. Identidade.

## INTRODUÇÃO

Em outubro de 2024, a autora Hang Kang foi laureada no Prêmio do Nobel de Literatura, sendo a primeira escritora sul-coreana a alcançar tal vitória e demonstrando de forma palpável a expansão da literatura contemporânea da Coreia do Sul. Entretanto, o sucesso não é resultado do acaso: o Estado e o Ministério de Cultura, Esporte e Turismo do país asiático têm investido nos últimos anos em sua expansão cultural, por meio da estratégia de *soft-power*, em uma indústria massiva, que resultou no movimento da onda *pop* coreana. E agora a literatura é mais um produto à venda para o Ocidente, mas com maiores possibilidades narrativas de remodelar e refinar a fabulação identitária sobre a Coreia do Sul contemporânea.

A discussão também é recente no cenário de estudos coreanos no Brasil, mas alguns autores se mostram nos esforços de trazer o assunto para a pesquisa nacional, como Melissa Rubio (2018), Luciana Salgado e Vitória Doretto (2022) e Adriana T. de Azevedo (2021). Somando-se também à visão de consumo e comunicação de Carrascoza e Rocha (2011) e Castro (2010), bem como à análise teórica de Jenkins (2022), Greiner (2017) e Bhabha (1998), a estruturação deste trabalho ganha dimensões que ultrapassam o campo literário, expandindo-se para o âmbito comunicacional, além de conferir o inédito na abordagem da cultura asiática e da indústria *pop*.

## HALLYU E K-LIT: UM NOVO PRODUTO DA ONDA POP

A relevância da literatura para a cultura coreana se estende antes mesmo da criação do alfabeto *Hangul* (한글) pelo rei Sejong em 1443. O alfabeto chinês era utilizado pelo povo coreano, em especial pelos letrados e estudiosos, para escrita e leitura. Esse alfabeto era comumente entendido como mais relevante que a língua nativa e capaz de influenciar a literatura e os estudos mais

complexos – porém, a Coreia recebeu esses elementos e os ressignificou. Adriana Azevedo (2021, p. 22) explica:

Muitas narrativas escritas em chinês literário tinham como seus primeiros leitores homens, afinal, na época, poucas mulheres possuíam educação suficiente para ler textos longos e difíceis em chinês. Este pequeno grupo de mulheres com educação formal era composto por alguns membros da família real, de altas posições sociais e trabalhadoras do palácio. Mas o fato de a maioria das mulheres não saber ler chinês literário não era impedimento para que elas tivessem contato com a narrativa.

Inclusive, complementando a afirmação de Azevedo (2021), algumas das figuras femininas ilustres e controversas eram as chamadas *gisaengs*, as cortesãs coreanas de classes inferiores dentro da hierarquia social do período Joseon (1398-1897), que recorreram à escrita literária para superar o conflito entre ideais e descriminalização social, por meio de narrativas, especialmente a poesia, como forma de fuga da sociedade e experimentação de uma realidade ficcional.

Além disso, no mesmo período da dinastia Joseon, após a criação do Hangeul, a literatura foi apoiada, bem como a sua acessibilidade ao povo, na nova escrita nativa. Logo, a exposição oral dos romances para a população, seja nas ruas ou mesmo em espaços privados, dentro das casas, tornou-se mais comum e crítica em relação à elite confucionista, que se privilegiava do conhecimento restrito sobre as informações escritas em chinês.

Os romances permitiam às pessoas perceberem comportamentos alternativos e, muitas vezes, estes não eram compatíveis com os princípios confucionistas como a lealdade e a hierarquia, essenciais para a preservação dos costumes e ideais da sociedade da época (Azevedo, 2021, p. 22).

Logo, após esta breve explanação sobre a relevância e estruturação da literatura coreana, notamos elementos que são revitalizados na literatura sul-coreana contemporânea: a presença de autoras femininas – que romperam na década de 1970 as barreiras críticas literárias – que vêm ganhando reconhecimento por premiações prestigiadas da Coreia do Sul e, recentemente, internacionais; e o resgate de discursos e de subjetividades ignorados e silenciados no passado e ainda nos dias de hoje ocultados (Rubio, 2018, p. 95), visibilizando mais uma vez a crítica social e cultural do país asiático.

Pelo portal do *Literature Translation Institute of Korea*<sup>1</sup> – LTI Korea (relacionado ao Ministério de Cultura, Esporte e Turismo da Coreia do Sul), notamos e exemplificamos que, nos últimos cinco anos (de 2020 a 2024), as obras traduzidas e exportadas em português, em sua maioria, foram produzidas por mulheres, e muitas premiadas (como é o caso da Han Kang, Keum Suk Gendry-Kim e Park Min-Gyu), com críticas sociais e ao papel da mulher na Coreia do Sul. Logo, isso nos faz refletir sobre a motivação em exportar para os leitores ocidentais obras que confrontam a sociedade de origem, rompendo com as fabulações cuidadosamente construídas pelos produtos massivos da *Hallyu* sobre a identidade sul-coreana.

A motivação para essa escolha de produtos é a soma da visibilidade desses títulos e dessas autoras com o impulso da onda *pop* coreana, tornando os fãs do movimento cultural também leitores. E argumentamos com o exemplo do escritório adjunto ao LTI, KLWave<sup>2</sup>, um portal de acesso para facilitar a tradução, publicação e exportação da literatura coreana, apresentando, inclusive, obras disponíveis para aquisição de direitos de publicação para editoras externas da Coreia do Sul. Assim, demonstra-se que também se anseia em criar uma onda *pop* literária sul-coreana ou mesmo pensar na literatura contemporânea sul-coreana como um novo produto dentro da marca guarda-chuva da onda *pop* coreana, ganhando uma nova nomenclatura: K-Lit.

Assim, há uma intenção clara de exportação cultural quando se insere a literatura dentro da *Hallyu*, bem como o reconhecimento dessa literatura, que podemos pensar como um produto mais refinado pelo seu teor crítico-social, mas também sujeito ao sistema de produção comercial para inserção no mercado global, e

com isso, ao mesmo tempo que viabilizam a circulação global de obras e autores coreanos, os programas e subsídios de tradução promovidos pelo Estado sul-coreano através do LTI Korea são uma forma de controle do Estado sobre o que é mostrado para outros países, além de garantir padrões de tradução (Salgado; Doretto, 2022, p. 102).

Se para premiações internacionais é preciso construir reflexões sociais e culturais, será nesse gênero que o Estado e o LTI Korea irão investir seus

1 Disponível em: <https://www.ltikorea.or.kr/en/main.do>. Acesso em: 9 jan. 2025.

2 Disponível em: <https://klwave.or.kr/klw/main.do>. Acesso em: 9 jan. 2025.

subsídios, por exemplo, bem como em obras do gênero de cura, que focam as relações humanas em espaços acolhedores. Há uma análise prévia do público consumidor e do que eles querem ler sobre a sociedade e cultura sul-coreana – atualmente, mais embasada no que se tem mostrado no K-pop e nos K-dramas, os produtos principais da onda *pop* coreana –, para, então, definir o que será exportado e como alcançar a visibilidade, por meio da estratégia de *soft-power* e ações comunicacionais:

E se, para participar desse espaço internacional, o LTI Korea e a KLN têm ações complementares – o financiamento de traduções e a publicidade das obras publicadas –, prêmios, resenhas, inclusões em listas de melhores livros e todas as retomadas possíveis (que formam o burburinho que ajuda a aumentar o interesse) sobre livros e autores, configuram instituições discursivas capazes de gerar ou ampliar o capital simbólico da literatura sul-coreana, colocando-a como dominante em relação às outras literaturas de regiões distantes do centro ou nele dominadas (Salgado; Doretto, 2022, p. 108).

Assim, pela K-Lit, intenta-se tornar a cultura coreana não apenas um movimento *pop* massivo e, principalmente, um fenômeno passageiro, mas também algo que sirva como forma de aprofundamento do público a respeito da identidade sul-coreana, com conteúdo enraizado e singular, acessível e traduzido para o resto do mundo, por meio da oportunidade que uma onda *pop* proporcionou.

A seguir, exemplificaremos essa atuação da K-Lit como meio midiático para transmitir novos significados sobre a identidade sul-coreana por meio das obras *Pachinko*, de Min Jin Lee (2017), e *A vegetariana*, de Han Kang (2018), bem como de uma das estratégias de divulgação dessa literatura no Brasil, com o apoio do Centro Cultural Coreano, localizado na cidade de São Paulo.

## **PACHINKO: REVISÃO HISTÓRICA DAS PÁGINAS PARA OS STREAMINGS**

Tratar de cicatrizes do passado não é uma tarefa fácil para nenhuma nação, porém, na atualidade globalizada e conectada, graças ao avanço impressionante das plataformas digitais e redes sociais, fazê-lo se torna necessário, com o objetivo de combater o que denominamos *fake news* – notícias ou

informações equivocadas, ou mesmo de interesses dúbios, disseminados no ciberespaço. Entretanto, se a ficção, dentro dos meios de comunicação, puder auxiliar a recontar a história de forma mais agradável e consumível, ela será bem-vinda tanto ao mercado cultural quanto ao público leitor.

A obra *Pachinko*, da autora coreana-estadunidense Lee Min-Jin (2017), vem demonstrar como “o texto literário [...] envolve dimensões universais, individuais, sociais e históricas, mas de forma peculiar” (Proença Filho, 2007, p. 27), ao recontar a história da Coreia por meio da narrativa de quatro gerações de uma família, transpassando pela invasão japonesa, pela Segunda Guerra Mundial e pela Guerra das Coreias – eventos que marcaram não apenas a sociedade e a cultura coreanas, mas também sua identidade como nação. Esse formato de enredo rendeu para a obra a classificação de um dos dez livros do ano de 2017 pela revista *Time* e pelo jornal *The New York Times*, além de ser finalista no *National Book Award*, demonstrando que

[...] temas inovadores, estrutura narrativa e estratégias desafiam práticas antigas, e suas obras repetidamente entram nas listas de *best-sellers*. Muitas dessa nova geração de escritoras em ascensão ganharam os prêmios literários mais prestigiados e cobertos da Coreia, como os prêmios de literatura Hyundae, Tong-in e Yi Sang (Kim, 2010, p. 2).

É possível dizer que o que aclama esse romance histórico é apresentar a passagem de eventos históricos por meio de uma ficção que poderia ser palpável por qualquer família comum naquele período, mas não há registros, de forma que a massa de pessoas que tem sua história afetada não consegue ser lembrada ou mesmo ter seu ponto de vista narrado, segundo entrevista de Lee Min-Jin à revista *Print* (Millman, 2022). Por esse motivo, a abertura do livro se dá com a frase “A história falhou conosco, mas não importa”, fazendo alusão a todos que não têm registros que podem ser pesquisados ou comparados, e, especialmente, nas palavras da autora:

É que não importa se as pessoas não sabem quem somos, ainda vamos aparecer e fazer o que temos que fazer, o que queremos fazer de qualquer maneira. E acho que, para mim, sempre me deu muita esperança e coragem pensar sobre a maneira como contornamos os poderes que não querem que importe-mos. Vamos sobreviver. Teremos uma subcultura se não pudermos ter cultura. E eventualmente nossa subcultura se tornará ainda mais importante (Millman, 2022).

A literatura sul-coreana contemporânea que se inclina ao subgênero de romance histórico, com o objetivo de recontar o passado da Coreia, dá a permissão para que sua versão dos fatos ocorridos no país, principalmente no século XX, ganhe nuances de sua identidade, cultura e sociedade, e como esses pontos foram afetados pelas guerras e pela invasão japonesa, resgatando “discursos e de subjetividades ignoradas e silenciadas no passado e ainda nos dias de hoje ocultadas” (Rubio, 2018, p. 95), além de fabulações desses fatos, reapresentados e reconstituídos na ficção pelos autores, e também porque os percebe durante a leitura.

Em suma, esse gênero é uma oportunidade de reconstituição identitária da Coreia do Sul como nação com traumas históricos, de modo a reposicioná-la no cenário da Ásia e do mundo. A leitura expande o conhecimento do indivíduo sobre os acontecimentos históricos e ainda permite manipulações discursivas, uma vez que “o passado é ininterruptamente presentificado e transformado, enquanto a fabulação vai abrindo caminhos” (Greiner, 2017, p. 73) sobre o que significa a Coreia do Sul para o Ocidente – o tigre asiático que se ergueu das cinzas do passado e vem exportando sua cultura em nível massivo, como uma luta consistente por reconhecimento.

No caso específico de *Pachinko*, pode-se acrescentar a adaptação da obra para o formato de série midiática, como K-drama, pelo *streaming* Apple TV+, em 2022, demonstrando como esse formato cultural converge seus “conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos de meios de comunicação” (Jenkins, 2022, p. 31). A produção do K-drama de *Pachinko*, que promete se estender a uma terceira temporada para a completa adaptação do livro, demonstra que, no cenário hipermidiático, é possível tornar toda história relevante para ser contada, e a expansão do público permite que o consumidor seja cortejado por múltiplas plataformas de mídia – não apenas os leitores, mas também os fãs e espectadores da onda *pop* coreana.

O K-drama também cria novas conexões com os consumidores da cultura *pop*, que saem das margens invisíveis e vão ao centro das reflexões atuais de produção de consumo midiático, como explica Jenkins (2022). Assim, mais leitores conseguem se relacionar com as narrativas sul-coreanas, como resultado do convívio prévio com a *Hallyu*, e o K-drama também molda essas histórias para as “mais diversas em temas e que mesclam gêneros fazendo novos experimentos narrativos” (Salgado; Doretto, 2022, p. 104). Logo, apesar de a onda

*pop* coreana permitir convergências midiáticas e narrativas, correlacionando o movimento *pop* à literatura, *Pachinko* demonstra que o objetivo desse conteúdo cultural é ser estabilizado para o consumo ocidental, a fim de reviver a identidade histórica da Coreia do Sul, por meio da narrativa fabulada e da cultura colaborativa, construídas pelas diversas percepções de espectadores e leitores.

## A VEGETARIANA E O PRIMEIRO NOBEL DA COREIA DO SUL

Portais de notícias internacionais divulgaram no dia 10 de outubro de 2024 a vitória da escritora sul-coreana Hang Kang do Nobel de Literatura desse ano, com a obra *A vegetariana*. A conquista é um marco para a Coreia do Sul, que nunca havia recebido um nome indicado para o Nobel de Literatura; além disso,

[...] apesar da Coreia do Sul ser um país de economia avançada e globalizada, o país é excluído duplamente no campo simbólico cultural, seja por não estar na posição de centro do campo da cultura e do discurso na Ásia [...], como também está excluída do discurso hegemônico de poder mundial da cultura, este centralizado no discurso do Ocidente [...] (Rubio, 2018, p. 96).

Além disso, o triunfo da autora acarretou maior visibilidade para a literatura sul-coreana contemporânea, especialmente obras escritas por mulheres que, em sua maioria, são vistas como questionadoras da sociedade sul-coreana – inclusive a academia do Prêmio Nobel descreve a escrita de Hang Kang como “intensa prosa poética que confronta traumas históricos e expõe a fragilidade da vida humana” (Han Kang, 2024), cujas características singulares são percebidas na obra que foi publicada no Brasil em 2018.

A obra de Hang Kang, segundo a própria sinopse oficial, conta a história de uma mulher comum que decide não comer mais carne e transforma uma vida aparentemente normal em um pesadelo transgressivo e perturbador. Narrado em três vozes, o romance demonstra o distanciamento progressivo da condição humana da figura feminina que deixa de ser aquilo que o marido e a família pressionaram-na a ser durante sua vida inteira; assim, a narrativa vem sendo apontada ser uma história sobre rebelião, tabu, violência e erotismo – assuntos ainda sensíveis na sociedade sul-coreana, com raízes firmes no neofuncionismo, especialmente no que tange à posição feminina nesse conceito.



Deve-se notar que quase todas as mulheres sul-coreanas são entendidas como tendo passado por uma fase de “espartilho” em algum momento de sua vida, pois é uma norma social implementada até mesmo nas crianças mais feministas (Bunaeva; Sosorova; Orsoeva, 2021, p. 5).

Assim, a literatura sul-coreana, atuando como um meio de comunicação<sup>3</sup>, permite o debate cultural pós-modernista sobre a Coreia do Sul – suas ironias históricas, suas temporalidades disjuntivas, seus paradoxos do progresso, sua representação social – fora de casa, ao exportá-la para os países ocidentais, demonstrando como “o imaginário da distância espacial [...] dá relevo a diferenças sociais, temporais, que interrompem nossa noção conspiratória da contemporaneidade cultural (Bhabha, 1998, p. 22).

Porém, diferentemente do que Homi Bhabha (1998) afirma, nesse espaço da literatura sul-coreana exportada, de forma a se tornar mais um produto *pop*, as narrativas e as políticas culturais da diferença não fecham o círculo da interpretação; ao contrário, geram novas discussões e fabulações entre os leitores, a respeito “daquilo que existe como quase por opção e aí enfrentará os riscos da mudança” (Greiner, 2017, p. 13). Aliás, pode-se entender como objetivo dessa literatura crítica gerar um movimento que incentive a mudança social e cultural, ao embutir na ficção fabulatória que “a estrutura social e as normas culturais não se transformaram tão rápido quanto a economia do país” (Bunaeva; Sosorova; Orsoeva, 2021, p. 8) e exportar na narrativa traduzida.

A literatura contemporânea sul-coreana contrasta com a imagem imaginada e construída nos K-dramas em alta nas plataformas digitais, em que se “cria uma imagem específica para convencer o receptor de sua veracidade [...]. Ele está criando a ‘cultura’ que será vista/recebida fora do seu país” (Rosa, 2019, p. 83). As obras literárias vêm como ferramenta de comunicação persuasiva, para influenciar a forma de pensar do receptor (Castro, 2010) sobre a sociedade e a cultura que consomem, devido a um *boom* da *Hallyu*, expondo uma camada visceral destas e denunciando desigualdades sociais, enquanto

[...] ‘pelas bordas’, a literatura sul-coreana (rotulada ou não de K-Lit) vai ganhando prêmios e, a cada nova premiação, aumentando suas chances de participar do centro do campo literário mundial, internacionalizando-se (Salgado; Doretto, 2022, p. 108).

3 Consideraremos o conceito de meio de comunicação como espaço que permite a troca de mensagens ou informações entre os seres humanos (Proença Filho, 2007), além de, na atualidade, possibilitar o desenvolvimento de uma linguagem e um produto audiovisual (Gosciola, 2003).

## CENTRO CULTURAL COREANO NO BRASIL COMO INCENTIVADOR DA K-LIT

Nos últimos quatro anos, o Brasil perdeu 6,7 milhões de leitores, segundo a sexta edição da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, realizada pelo Instituto de Inteligência em Pesquisa e Consultoria (Ipec), que vai mais a fundo ao apontar que 53% dos entrevistados não conseguiram terminar nem um livro nos três meses anteriores ao relatório (desde livros impressos até digitais, de qualquer gênero) (Santos, 2024). Tais dados devem servir como motivadores para mobilizar ações no país em prol da leitura da população brasileira – especialmente após o período escolar, quando a faixa etária aumenta e o hábito da leitura declina.

Uma dessas ações de incentivo são os clubes de leitura, de origem anglo-saxônica e sucesso mais visível nos Estados Unidos, e não na Inglaterra. Ainda que não muito populares no Brasil – de forma que não possuem número expressivo de bibliografia e esforços de pesquisa sobre esse fenômeno social –, têm alcançado em menor escala bibliotecas municipais, editoras, associações e grupos de estudos, reunindo pessoas periódica, presencial ou virtualmente, com o propósito de discutir livros escolhidos por uma curadoria e lidos pelos participantes. Logo, os clubes de leitura são vistos como uma proposta de incentivo à leitura, por meio da

[...] leitura participativa, que é uma leitura passional, que busca vincular o texto com a vida do leitor e seus sentimentos; e a leitura distanciada, que pretende analisar o texto em seus aspectos linguísticos, sociais e históricos (Souza, 2018, p. 686).

Esse formato empregado dentro dos clubes de leitura brasileiros utiliza as obras como gatilho para discussões emotivas e experiências pessoais dos leitores, que buscam reforçar suas crenças e discutir questões sociais e culturais conforme suas percepções, ora baseadas em informações particulares, ora em fabulações – isto é, processos imaginativos mediados pelo ambiente por onde transitam, de forma que as reinterpretações se tornam mais fortes à medida que se afastam daquilo que é considerado real, verdadeiro ou original.

Essas fabulações<sup>4</sup>, reinterpretadas a partir dos livros e das experiências dos participantes dos clubes de leitura, podem dificultar discussões críticas e

4 Consideraremos a definição de fabulação de acordo com Greiner (2017, 2019) sobre criar novas narrativas (verbais e imagéticas), além de aproximações possíveis com tensões históricas, por meio de dispositivos de poder para amenizar temas mais problemáticos, apostando nas imagens nacionalistas e identitárias, “enquanto a fabulação vai abrindo caminhos” (Greiner, 2017, p. 73).

analíticas sobre as obras, substituindo-as por um bate-papo emotivo que não aproveita o potencial total dos livros escolhidos. Porém, segundo Willian Souza (2018), esse perfil não anula a legitimidade positiva do uso desses clubes de leitura como incentivadores da prática de leitura; o pesquisador reforça apenas a necessidade de discutir a figura dos mediadores para, então, moldar esse perfil para as discussões arquitetadas dentro dos grupos.

Inclusive, a função da escolha das obras a serem lidas depende dos mediadores para que possam realizar a curadoria de acordo com o perfil dos participantes e, assim, desenvolver a relação com a leitura, na experiência de partilha e interação, segundo seus objetivos (Barbeiro; Gamboa, 2014). Outra possibilidade é a escolha de um tema e/ou um gênero principal que guiará a definição dos títulos a serem lidos, como pode ser exemplificado pelo clube Leia Mulheres, fundado em 2015 e inspirado na campanha britânica #readwomen2014, para incentivar o consumo de obras escritas por autoras. O clube alcançou 45 cidades brasileiras, contando com mediadoras para os encontros mensais de cada grupo, divulgados por meio dos perfis nas redes sociais.

Assim, enxergar-se-ão os clubes de leitura, tanto em seus formatos digitais quanto na modalidade presencial, como uma forma de mídia<sup>5</sup> dentro de uma cultura participativa, “na medida em que entram em nossa imaginação mediadas pela ansiedade, pelo entusiasmo, diante das possibilidades que nem sempre sabemos ao certo o que significam (Carrascoza; Rocha, 2011, p. 70).

A convergência narrativa dentro dos clubes de leitura flui entre mediadores e participantes, sustentando a fabulação simbólica sobre os temas e o conteúdo dos livros, dentro das referências de signos de cada leitor. Logo, os clubes criam um processo de hipercultura literária a partir das experiências de seus integrantes, que se modificam, se ampliam e se renovam (Han, 2019) a cada novo contato nos encontros, além de desenvolverem uma oportunidade comunicacional para dar visibilidade a discursos dentro das esferas culturais e sociais, permitindo uma reflexão sobre a criação fabulatória a partir de reinterpretações próprias.

Tais características permitiram ao Centro Cultural Coreano no Brasil, localizado na cidade de São Paulo, desenvolver no segundo semestre de 2024 o Clube do Livro da própria instituição em conjunto com a mediadora e

5 Consideraremos a definição de mídia, de acordo com Clüver (2012), como um processo dinâmico e interativo que transmite um signo, ou uma combinação de signos, entre as pessoas, por meio de transmissores adequados com distâncias temporais e/ou espaciais.

editora Luara G. França. O projeto visa discutir livros contemporâneos escritos por sul-coreanos e escolhidos previamente pela organizadora, dar maior visibilidade e conversar mensalmente sobre eles.

Em entrevista cedida exclusivamente para este artigo, Luara França compartilha que a ideia surgiu após a leitura da obra *A vegetariana*, de Hang Kang (2018), e que elaborou o projeto do clube de leitura para leitores ávidos, aficionados da cultura coreana e curiosos que desejassem conhecer mais sobre a literatura asiática, abraçando tanto leitores assíduos, já conhecedores dessa literatura, quanto iniciantes.

Em resumo, o Clube de Leitura Coreano do Centro Cultural Coreano tem superado as minhas expectativas e se consolidado como um espaço importante para a difusão da literatura coreana no Brasil. A diversidade do público e a paixão pela leitura são os nossos maiores tesouros.

Desde o primeiro encontro presencial (julho de 2024), o Clube do Livro do Centro Cultural Coreano tem apresentado aos participantes obras de gêneros e temas distintos entre si (romances, *sci-fi*, *graphic novels* etc.), mas escritos e traduzidos nas últimas duas décadas, de forma que abrange as mais diversas motivações para o consumo da literatura sul-coreana, convergindo-as no interesse de conhecer novas culturas e narrativas, além do compartilhamento de experiências em grupo.

Segundo Luara, uma dessas possíveis motivações refere-se à popularização da onda *pop* coreana, o movimento cultural massivo também nominado como *Hallyu*, que despertou curiosidade do público ocidental sobre a sociedade sul-coreana, apresentada e reinterpretada tanto nos K-dramas (séries midiáticas sul-coreanas) quanto nas páginas dos livros. De acordo com Luara, trata-se de um meio de comunicação motivacional para novas experiências:

A literatura coreana oferece uma vasta gama de estilos e temas, desde romances históricos e contos de fadas até ficção científica e realismo mágico, proporcionando aos leitores a oportunidade de descobrir novas perspectivas e narrativas.

Outros pontos de influência, segundo a mediadora Luara, são as redes sociais, que facilitam a troca de informações e ampliam o alcance da literatura coreana e a disponibilização de traduções de qualidade, bem como eventos e atividades promovidos pelo Centro Cultural Coreano no Brasil.

É interessante notar que tais motivações demonstram a cultura de convergência, defendida por Jenkins (2022, p. 31), sobre esse Clube de Leitura, “onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam [...]”, circulando os mais diversos conteúdos em uma rede de sistemas que depende da participação dos integrantes e leitores, que também podem se classificar como consumidores, não apenas do Clube do Livro de Literatura Coreana, mas também da reinterpretação do local de origem das obras lidas, por meio das páginas e de suas experiências pessoais durante a leitura.

E tendo em vista que “a linguagem escrita pode ter sido concebida como um meio poderoso de reformatar a realidade” (Harari, 2016, p. 174), a reinterpretação se dá tanto dentro das obras escolhidas pelo Clube do Centro Cultural Coreano quanto pelos leitores, fortalecendo a fabulação da identidade da Coreia do Sul contemporânea e do passado (quando se trata de romances históricos), “à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (Jenkins, 2022, p. 32).

Enquanto algumas obras – por exemplo, *Pachinko*, de Lee Min Jin (2017), *Grana*, de Keum Suk Gendry-Kim (2020), e *Atos humanos*, de Han Kang (2021) – revisam a história da Coreia no século XX para recuperar os desejados benefícios do pertencimento, bem como justificar seu direito em grupo e reafirmar a própria cultura (Bauman, 2017), outros títulos expõem e enfrentam questões sensíveis da sociedade sul-coreana – *A vegetariana*, de Han Kang (2018), *Kim Jiyoung, nascida em 1982*, de Cho Nam Jun (2022), e *Castella*, de Park Ming Gyu (2022) – dialogando com leitores ocidentais que podem se identificar com o diálogo sobre feminismo, desigualdade social e violência, ou seja, assuntos que não se resumem apenas à Coreia do Sul, mas também estão presentes em outras partes do mundo. E pela literatura contemporânea, a literatura sul-coreana vem construindo camadas imaginadas sobre sua identidade para o Ocidente.

De qualquer forma, não se pode negar a utilização da convergência midiática para que esse produto literário fluísse por canais diferentes, sendo um deles o Centro Cultural Coreano no Brasil, órgão promotor da cultura sul-coreana em nosso país. Além disso, a aplicação da estratégia comunicacional do *soft-power*, já bem conhecido e aplicado pela Coreia do Sul, com ajuda do movimento da *Hallyu*, também permite a fabulação identitária sobre o país

asiático por meio dos livros, escolhidos minuciosamente para tradução e exportação, e apresentados por um clube de leitura a seus públicos-alvo, que são convidados a não ser apenas fãs da cultura popular, mas devem ir além nas reflexões atuais dentro do que consomem.

O Clube do Livro do Centro Cultural Coreano no Brasil, como um meio midiático, convida seus participantes para uma discussão sobre a literatura sul-coreana, e mais: sobre a Coreia do Sul e a fabulação percebida da identidade nacional transcrita nas narrativas contemporâneas, de forma que, segundo Luara França, “A literatura coreana, em particular, oferece uma visão única sobre a história, a sociedade e a cultura de um país que vem se destacando no cenário mundial”.

Entretanto, também é válido pensar se a literatura sul-coreana igualmente se torna um produto do movimento *pop Hallyu* – o interesse da maioria dos leitores se dá pelo contato prévio com o K-pop e os K-dramas, e as editoras veem um novo nicho para promover obras associadas à estética e ao tema em alta “Coreia do Sul”. Podemos pensar que a literatura sul-coreana contemporânea se beneficia da popularidade dessa onda *pop* para atrair um público mais amplo, ao mesmo tempo que permite expandir discussões aos fãs nas obras traduzidas.

Por fim, não podemos ignorar que a *Hallyu* conseguiu acessibilizar a literatura sul-coreana para que ela se tornasse interessante para o mercado editorial, permitindo traduções e publicações além da Ásia. Logo, a onda coreana também absorve a literatura como mais um subproduto de consumo, ainda que mais complexo na construção discursiva sobre a Coreia do Sul, bem como revisões históricas e sociais. E o Clube do Livro é uma bela vitrine para os fãs testarem esse novo produto, que vem também se tornando *pop*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Alcançar o Prêmio Nobel de Literatura é ambicioso, e o LTI Korea se esforçou para investir em uma lista de títulos promissores, que atendem aos critérios dos jurados da premiação internacional, e disponibilizá-los para financiamentos de traduções. Além disso, outro ponto é a escolha de livros escritos por autores vivos, com temas contemporâneos e passíveis de identificação das temáticas com o público leitor internacional.

Com isso, ao mesmo tempo que viabilizam a circulação global de obras e autores coreanos, os programas e subsídios de tradução promovidos pelo Estado sul-coreano através do LTI Korea são uma forma de controle do Estado sobre o que é mostrado para outros países, além de garantir padrões de tradução (Salgado; Doretto, 2022, p. 102).

O resultado da estratégia de *soft-power* empregada à literatura sul-coreana contemporânea foi a vitória da autora Hang Kang, com a obra *A vegetariana*, e o impulso da cultura do país asiático para o mundo, tornando-a uma agente influente sobre a identidade que a Coreia do Sul tem buscado projetar ao Ocidente.

Além disso, com a propulsão do movimento *pop* da *Hallyu*, o novo produto K-Lit se torna mais que uma expressão cultural, que pode refletir elementos próprios da Coreia do Sul, bem como a análise social, mas também uma forma de meio de comunicação sobre esse discurso e os novos significados nele embutidos. Assim, pelas mídias, que podem ser utilizadas como forma de disseminação em rede – plataformas digitais, clubes de leitura, espaços culturais etc. –, com a participação dos fãs e leitores, uma outra fabulação é adicionada à imagem do país asiático, em camadas diferentes, resultantes de diferentes visões propostas pelos K-dramas, pelo K-pop e agora pela recém-adicionada K-Lit.

Novas narrativas revisitam o passado da península coreana, bem como expandem conflitos sociais atuais. E, também, podem ser adaptadas para o formato de séries midiáticas e ter características dignas de indicação para premiações de renome internacional. A literatura sul-coreana contemporânea é o novo vaso *céladon* da Coreia moderna: com tons diferentes, alguns mais proeminentes, outros mais raros, resultantes de diversos efeitos, técnicas e mudanças até alcançar o ponto desejado, que o valoriza entre as demais cerâmicas asiáticas.

Em suma, a K-Lit é mais que um produto midiático literário; com impulso de uma onda *pop*, é uma forma de recuperar elementos delicados e singulares da cultura narrativa da Coreia do Sul, tratar antigas feridas, apontar questões ainda a serem resolvidas na sociedade, ao mesmo tempo que permite a expansão da identidade nacional. Um trabalho impecável de comunicação cultural a ser analisado em sua expansão no mundo e, especialmente, no Brasil.

# Contemporary South Korean Literature: a new fabulatory and identity product of the *Hallyu* Wave

## Abstract

This article aims to open up reflections on the expansion of contemporary South Korean literature—also known as K-Lit—considering it as a new product of the *Hallyu* pop movement, as well as a means of communication that aims to convey new meanings regarding South Korea's identity to the West, through titles carefully chosen for translation. Through a historical review of the Korean peninsula's past and the exposure of current social conflicts, a new fable is constructed for international transmission, including to Brazil.

## Keywords

South Korea. Contemporary literature. Identity.

## REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, A. T. de. *O amor-destino na literatura sul-coreana*. 2021. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2021. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11896/3244>. Acesso em: 9 jan. 2025.
- BARBEIRO, L. F.; GAMBOA, M. J. Clubes de leitura: potencialidades e desafios para a construção de leitores. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL – INVESTIGAÇÃO, PRÁTICAS E CONTEXTOS EM EDUCAÇÃO, 3., 2014. *Livro de Atas [...]*. Leiria: Instituto Politécnico de Leiria, 2014. p. 137-144.
- BAUMAN, Z. *Retrotopia*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.
- BHABHA, H. K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.
- BUNAEVA, N. A.; SOSOROVA, B. S.; ORSOEVA, A. A. Transformation of female gender identity in South Korea. In: EURO-ASIAN LAW CONGRESS, 2021.
- CARRASCOZA, J. A.; ROCHA, R. de M. *Consumo midiático e cultura da convergência*. São Paulo: Miró Editorial, 2011.
- CASTRO, F. C. de. *A comunicação persuasiva como estratégia de controle da memória coletiva*. 2010. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/4400>. Acesso em: 6 jan. 2025.
- CHO, N.-J. *Kim Jiyoung, nascida em 1982*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.



- CLÜVER, C. Intermedialidade. *PÓS: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes da EBA/UFMG*, Belo Horizonte, v. 1, n. 2, p. 8-23, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/48493>. Acesso em: 10 mar. 2021.
- GOSCIOLA, V. *Roteiro para novas mídias do cinema às mídias interativas*. São Paulo: Editora Senac, 2003.
- GREINER, C. *Fabulações do corpo japonês*. São Paulo: n-1 edições, 2017.
- GREINER, C. Fabulations as a somatic apparatus to be other. *Inflexions*, v. 11, 2019.
- HAN, B.-C. *Hiperculturalidade: cultura e globalização*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HAN KANG, escritora sul-coreana, ganha Prêmio Nobel de Literatura 2024. *g1*, 10 out. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2024/10/10/han-kang-escritora-sul-coreana-ganha-premio-nobel-de-literatura-2024.ghtml>. Acesso em: 6 dez. 2024.
- HARARI, Y. N. *Homo Deus: uma breve história do amanhã*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- JENKINS, H. *Cultura da convergência*. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2022.
- KANG, H. *A vegetarianiana*. São Paulo: Todavia, 2018.
- KANG, H. *Atos humanos*. São Paulo: Todavia, 2021.
- KEUM, S. G.-K. *Gramma*. Araraquara: Pipoca & Nanquim, 2020.
- KIM, Y. H. Traditions in modern Korean women's fiction writing. In: KIM, Y. H. *Questioning minds: short stories by modern Korean women writers*. Honolulu: University of Hawaii Press, 2010.
- LEE, M. J. *Pachinko*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.
- MILLMAN, D. Design matters: Min Jin Lee. *Print*, 2022. Disponível em: <https://www.printmag.com/podcasts/2022/design-matters-min-jin-lee/>. Acesso em: 7 jan. 2025.
- PARK, M.-G. *Castella*. São Paulo: Martin-Claret, 2022.
- PROENÇA FILHO, D. *A linguagem literária*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- ROSA, D. F. C. da. *O que os K-Dramas querem?* 2019. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/206626>. Acesso em: 30 jan. 2023.
- RUBIO, M. Relendo a literatura coreana e o conceito *world literature*: a literatura coreana contemporânea de autoria feminina por Han Kang e Park Wan Seo. *Revista Athena*, v. 14, n. 1, p. 92-107, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/athena/article/view/3067>. Acesso em: 5 dez. 2024.

SALGADO, L. S.; DORETTO, V. F. K-Lit e espaço literário internacional: a circulação da literatura sul-coreana através do Literature Translation Institute of Korea e da Korean Literature Now. *VINCO – Revista de Estudos de Edição*, v. 2, n. 2, p. 90-114, 2022. Disponível em: <https://www.seer.dppg.cefetmg.br/index.php/VINCO/article/view/1077>. Acesso em: 6 dez. 2024.

SANTOS, E. O Brasil que lê menos: pesquisa aponta perda de quase 7 milhões de leitores em 4 anos; veja raio X. *O Globo*, 19 nov. 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/noticia/2024/11/19/o-brasil-que-le-menos-pesquisa-aponta-que-pais-perdeu-quase-7-milhoes-de-leitores-em-4-anos-veja-raio-x.ghtml>. Acesso em: 13 dez. 2024.

SOUZA, W. E. R. de. Clubes de leitura: entre sociabilidade e crítica literária. *Informação & Informação*, v. 23, n. 3, p. 673-695, 2018. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/29187>. Acesso em: 13 dez. 2024.